

BEM-TE-VI

DIVERSIDADE



1º Encontro de
Parceiras e Parceiros da
Bem-Te-Vi Diversidade





03	Bem-nos-vimos
05	Sobre o nosso encontro
06	Comunidade
08	Trabalho em rede
09	Comunicação
11	Gerações, velhas e novas
12	Cuidado
13	Participantes
16	Créditos



Bem-nos-vimos

Em 2024, a Bem-Te-Vi Diversidade completa 10 anos de atuação - uma primeira década de apoio a mais de 250 iniciativas que trabalham pela justiça socioambiental e o bem viver.

Celebramos esse ciclo dando um passo muito significativo: a realização do primeiro encontro nacional da nossa rede de parceiras/os apoiadas/os, que levou 60 pessoas para uma imersão de três dias no Quilombo Ivaporunduva, em Eldorado, no Vale do Ribeira, em São Paulo, em busca de um momento de descanso, união e inspiração.

Nestas páginas, buscamos relatar as principais discussões e conexões realizadas nesse encontro. Registramos aqui alguns desafios, aprendizados, medos, desejos e sorrisos compartilhados, na esperança de ter um retrato desse momento em que pudemos nos olhar nos olhos e (re)conhecer e abraçar aliadas/os.

Também marcamos o aniversário da Bem-Te-Vi Diversidade lançando nosso site, onde buscamos divulgar o nosso posicionamento e a forma como atuamos, além de visibilizar os parceiros que apoiamos e que nos apoiam nessa caminhada:

bemtevidiversidade.org.br

Estamos em defesa de – e buscando praticar – uma filantropia afetiva, baseada na escuta, no cuidado e na confiança. Juntas/os, acreditamos que podemos ampliar a nossa capacidade de imaginar, de realizar e de promover o bem viver, a justiça social e a esperança.

Boa leitura!

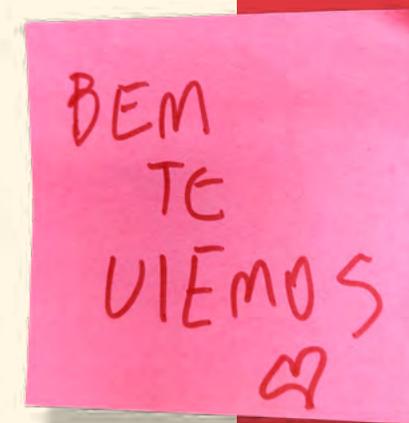


Sobre o nosso encontro

De 22 a 24 de agosto de 2024, a Bem-Te-Vi Diversidade reuniu integrantes de 30 organizações parceiras, totalizando 58 pessoas presentes.

Foi a primeira vez na década de existência da Bem-Te-Vi Diversidade que os grupos apoiados se encontraram de forma presencial para conhecer uns aos outros, trocar saberes e experiências, atendendo a uma demanda manifestada pelas próprias organizações. Para sediar o evento foi escolhido o Quilombo Ivaporunduva, no município paulista de Eldorado, local que tanto integra uma das iniciativas financiadas – a Rede de Sementes do Vale do Ribeira – quanto carrega uma valiosa história de luta social e organização comunitária.

Este documento busca oferecer um registro sucinto e organizado das principais ideias compartilhadas ao longo do evento, articuladas em torno de cinco palavras-chave. Não há a intenção de atribuir autorias individuais, mas sim refletir a produção intelectual de uma coletividade. Tarefa guiada pelo desejo de fazer jus à potência, à afetuosidade e à presença genuína que marcaram os dias de encontro no Quilombo Ivaporunduva.



COMUNIDADE:

“o nós e é nosso, não o eu e é meu”

Às vezes de forma explícita, às vezes nas entrelinhas, a palavra “comunidade” se fez presente em todo o evento. A começar pelo território que nos recebeu. Como bem pontuou uma pessoa participante, “quantas lutas foram travadas neste chão sagrado?”

As falas de lideranças como Maria José, Setembrino e Benedito (Ditão) mostraram que, se o senso de comunidade foi central na própria constituição do Ivaporunduva por pessoas negras escravizadas em busca de liberdade no século XVII, é esse o valor que guia desde a divisão das tarefas cotidianas até sua luta por direitos. Por exemplo, as atividades de geração de renda, como turismo e artesanato, são configuradas de modo a envolver todas as famílias do quilombo em sistema de rodízio entre os setores. E mesmo as interdições sobre quem pode ou não viver no território pela via do casamento com uma pessoa moradora consideram a proteção da terra e o bem-estar coletivos.

Também entre representantes das organizações apoiadas a ideia de comunidade se mostrou pulsante, inclusive nos momentos lúdicos. Em uma dinâmica energizante baseada na fábula da Chapeuzinho Vermelho, as pessoas

presentes, divididas em dois grupos, foram convidadas a eleger e performar uma das estratégias para dominar o território alheio: o lobo mau, o caçador ou a vovozinha. Logo na primeira tentativa, para a surpresa (e o riso) geral, as duas metades escolheram a figura da anciã, encerrando a atividade com a palavra de ordem “Divide o território!”. Uma boa amostra da forma como essa comunidade de pessoas, tão abertas e dispostas a construir laços umas com as outras durante o evento, vê e está no mundo.

Já nas rodas de conversa chamou atenção o lugar do território – cidade ou campo, centro ou periferia – como força motriz dos trabalhos. É nas comunidades que as organizações encontram seu local de referência; nelas desejam “reflorestar mentes” e fazer a transformação em direção ao bem viver coletivo, a “possibilidades de vidas outras e futuros possíveis”. Para tal, iniciativas de diálogo com a comunidade, mobilização territorial, trabalho de base, educação e formação populares, além da importância estratégica de disputar eleições locais para incidir em políticas públicas, foram apontados como soluções para a atual conjuntura de genocídio de Estado, retirada de direitos e cerceamento do ir e vir nos territórios.



Por fim, cabe destacar a predominância das mulheres no encontro, reflexo de sua centralidade nas lutas comunitárias por justiça social e ambiental – em especial mulheres negras, indígenas, periféricas, latino-americanas, conectadas em seus enfrentamentos, tão bem representadas nas místicas de encerramento do evento por Aldira (Associação Indígena Pariri), Sandra (Sereia – Casa do Brincar), Iara (Casa de Augusto Omolu) e no chamado de Selma (CONAQ) à 2ª Marcha Nacional das Mulheres Negras em Brasília, em novembro de 2025.

Ainda assim, como pontuado nas falas, as organizações sem fins lucrativos brasileiras seguem masculinizadas e embranquecidas em suas governanças. É urgente mais diversidade nas posições de liderança do terceiro setor, da política institucional e dos espaços de poder como um todo, dando às mulheres acesso e agência sobre orçamentos e tomadas de decisão.



TRABALHO EM REDE: "Como concentrar o que está pulverizado?"

Se é da natureza das organizações apoiadas pensar e sonhar o mundo a partir de um senso de comunidade, não é de se espantar a referência constante ao longo dos dias à costura de parcerias e trabalhos em rede.

Logo na atividade de abertura, ao compartilharem seus diálogos em busca de semelhanças e diferenças com participantes que até então não conheciam, foram vários os relatos como: "Já montamos um projeto para apresentar à Bem-Te-Vi Diversidade" ou "Já arranjei trabalho para a pessoa com quem conversei". O mesmo vale para a troca de saberes – como dicas para lidar com problemas no solo por meio de homeopatia da terra – e a aprendizagem coletiva – nas palestras sobre comunicação proferidas por Midiã e Dôra (Commbne) e Tom (ArvoreAgua), por exemplo.

O que o encontro demonstrou é que, embora dedicadas a causas e territórios variados, há muito que une as organizações apoiadas. A atuação como polos de fortalecimento de suas comunidades. O assédio de políticos locais que buscam apoio e, depois de eleitos, fecham as portas para a interlocução. O enfrentamento à precarização de direitos, às violências e violações por parte do Estado e de grupos armados. O crescimento do conservadorismo. O neoliberalismo e suas "zonas de sacrifício" em favelas e territórios indígenas. O negacionismo climático. "A gente morre de muitas formas", resumiu uma pessoa participante.

Diante desse cenário, a articulação com outras organizações, o intercâmbio de saberes e experiências, o compartilhamento de dados e oportunidades, a cooperação mútua e o trabalho coletivo foram identificados pelo grupo como

caminhos possíveis para mobilizar pautas, contornar a falta de recursos financeiros, construir redes de apoio, criar estratégias de formação permanente e incidir em políticas públicas. Juntar campo, cidade, favela. Fortalecer umas às outras. Potencializar a transformação. Esperançar.

Mas não basta a rede pela rede. Se afirmaram já integrar "algumas" e "infinitas" redes, pessoas presentes admitiram participar ativamente de "uma" ou "três" delas. Como então aproveitá-las melhor para que sejam de fato canais de solução, e não mais uma demanda a ser gerenciada no cotidiano da defesa de direitos? Ainda entre os desafios, como enfrentar os fatores de ruptura entre as próprias organizações, como a disputa por financiamento ou a noção de que pautas de gênero tirariam o foco de "causas mais urgentes"? Como evitar a reprodução de dinâmicas perversas de concorrência, exploração e apagamento entre organizações maiores e menores, entre regiões do Brasil e na relação com financiadores?

Como, em suma, construir relações de confiança e fortalecimento mútuo? Nessa tarefa nada simples, a experiência no Quilombo Ivaporunduva mostrou que encontros presenciais de troca e escuta são de grande valia. Assim como é crucial, de acordo com as falas, a postura de diálogo próximo, aberto e atento da Bem-Te-Vi Diversidade com as organizações que apoia.



COMUNICAÇÃO:

“reflorestar mentes, transmitir esperanças, salvaguardar o direito de sonhar”

Atendendo a pedidos das organizações, uma das atividades incluídas na agenda de trabalho foi uma roda de conversa sobre comunicação. O assunto, porém, não ficou restrito a esse momento, fazendo-se presente de maneiras variadas ao longo do evento.

Chamou atenção, por exemplo, como muitos dos símbolos de luta compartilhados pelas pessoas participantes no centro da roda eram peças de comunicação: livros, brochuras, panfletos, jornais. É por essa via que as organizações escolhem se apresentar ao mundo, evidenciando tanto a necessidade de planejar a melhor estratégia para tal quanto a urgência de garantir o acesso de pessoas negras, indígenas, periféricas aos seus meios de produção. Também não se pode esquecer da maneira como outras linguagens comunicacionais permearam o encontro, incluindo aquelas do campo das artes e da cultura – cantos, danças, adereços, tão potentes em mensagem e significado.

É na comunicação que as organizações enxergam um meio indispensável para dar visibilidade à causa, desenvolver ações de educação, formação e organização populares, criar proximidade e confiança com financiadores, incidir politicamente via advocacy e na construção de políticas públicas, enfrentar o avanço do conservadorismo e o recrudescimento da retirada de direitos, preservar a memória, resgatar a ancestralidade. Mas como saber com quem e como falar? Como fazê-lo em um ambiente tomado por robôs, plataformas digitais sem regulação e desinformação generalizada?

Para ajudar a navegar esses temas, Midiã, Dôra e Tom compartilharam suas expertises. Com uma visão de comunicação estratégica, Midiã e Dôra convidaram as organizações a refletir sobre como são vistas pelo público e qual imagem pública gostariam de ter. A partir desse exercício é possível adequar estratégias às diferentes faixas etárias e públicos prioritários (termo de preferência em relação à violência subjacente em “público-alvo”), entendendo a diversidade que somos. Para tal, é útil a construção da persona, ou seja, da pessoa “ideal” que a organização quer atingir.

As especialistas também sugeriram uma comunicação institucional que valorize as histórias de vida das pessoas dentro das próprias organizações, o que em uma sociedade personalista tem grande poder de sensibilização e mobilização. Outro ponto destacado foi a importância de que seja apresentado ao público não só o negativo – os problemas e desafios da causa –, mas também as soluções que a organização idealiza e oferece, com especial atenção ao uso de dados para embasar a mensagem.





Toda a fala teve como base princípios da comunicação antirracista e de direitos, reforçando que as perspectivas de gênero, raça e deficiências sejam sempre consideradas. Tal postura deve guiar inclusive a interlocução com a imprensa, de modo a passar as informações da melhor maneira para a causa da organização – por exemplo, no uso do termo “bairros violentados”, e não “bairros violentos”, ao responder a jornalistas. Midiã e Dôra destacaram ainda a ressignificação de conceitos (“vamos denegrir a mídia”, ou seja, “vamos torná-la negra”), a noção de que todos podem falar enquanto aliados das causas (pensando sobre “lugar de fala”) e boas práticas como: não naturalizar a violência contra pessoas negras, não expor pessoas vulneráveis e usar imagens positivas.

Por sua vez, Tom, publicitário de formação, trouxe referências usadas pela publicidade e pela comunicação política com o objetivo de, citando o pensador Nêgo Bispo, “transformar as armas do inimigo na nossa defesa”. Resgatando figuras como Edward Bernays, pioneiro das relações públicas e sobrinho de Sigmund Freud, George Lakoff, cientista cognitivo estadunidense, e filósofos da Grécia Antiga, como Cícero e Aristóteles (símbolos da retórica e da dialética, respectivamente), sua fala mostrou como o uso das emoções foi se estabelecendo enquanto estratégia para seduzir, arrebatar e direcionar a opinião pública a favor ou contra pautas, causas e produtos. Exemplo recente é a adoção do termo “flexibilização” para se referir a mudanças nas leis ambientais, suavizando o retrocesso em questão. Como resumiu Tom: “palavras têm poder”.



Na mediação das reflexões, Renata (Bem-Te-Vi Diversidade) abordou desafios do campo progressista na sua comunicação: mais centrada no tema do que no público, muito técnica e institucional, desarticulada, pouco aderente a alianças. Se a comunicação é o caminho para engajar as bases já convencidas, persuadir uma audiência dividida e neutralizar antagonistas, nosso campo em regra foca a conversa com “convertidos” e o bate-boca com o “lado de lá”, preterindo o diálogo com possíveis novos apoiadores e a criação de arcos narrativos que cubram as várias frentes. Há também uma leitura de que usar as emoções seria “manipulação”, o que resulta em abrir mão de comunicar nossos valores compartilhados.

**É preciso uma
comunicação que
responda:
o que nos une?**

GERAÇÕES, VELHAS E NOVAS:

“todos envolvidos, da ancestralidade a jovens aprendizes”

“Pedimos licença a nossos mais velhos e mais novos.” A frase, uma manifestação de respeito, ditou o tom dos dias no Quilombo Ivaporunduva. Não à toa foi pedido que a griô lara fechasse o evento, junto com uma homenagem à memória de Toni Ormundo (Amasa), falecido às vésperas de viajar de Santo André, na Bahia, para nosso encontro.

O Ivaporunduva muito nos ensina sobre como as diferentes gerações podem tomar parte na organização e mobilização comunitárias. No quilombo, cabe às lideranças receber visitantes como nós e garantir que sua longa trajetória de luta pelo direito à terra alcance novos ouvidos e interlocuções – nas palavras de Setembrino: “A gente não vende, a gente empresta a história”. De outro lado, perguntado sobre a permanência das pessoas jovens no território, Ditão falou da importância de dar cargos às juventudes que escolhem ficar no quilombo para que se sintam parte ativa da comunidade e se preparem para assumir o bastão hoje nas mãos dos mais velhos.

Também em processo de formação estão as pessoas jovens presentes no encontro enquanto representantes de organizações apoiadas. Se elas têm suas dúvidas e anseios sobre o futuro, as próprias organizações enfrentam desafios geracionais: como trazer jovens não só para participar dos projetos (uma dificuldade crescente, segundo algumas falas), mas para contribuir na concepção das ações? Como formar novos quadros? Como garantir que, quando as lideranças atuais se afastarem, financiadores seguirão apoiando a organização, entendendo a importância de uma relação de confiança centrada mais no coletivo do que em torno de figuras individuais?



Por fim, como as organizações podem endereçar a pressão cada vez mais aguda sobre as juventudes, em uma conjuntura de tantos desafios sociais, econômicos, culturais e ambientais?

Cuidado: "você está aproveitando os momentos lindos da luta?"

Medo. Violência. Ameaça. Perseguição. Insegurança. Frustração. Desânimo. Burnout. Cansaço. Tensão. Choro. Esgotamento. Depressão. Suicídio. Foram esses alguns dos termos usados pelas pessoas presentes quando convidadas a refletir sobre como a conjuntura tem impactado a si, sua causa e sua organização. "Não é fácil falar do que nos corta a carne", disse uma pessoa participante. "A dramaticidade do cenário global está afetando nossa ecologia interna", apontou outra.

Em um quadro de informação desenfreada, vida acelerada e "institucionalização do adoecimento" de quem está no front da defesa de direitos, como não desistir nem se alienar? Como não cair em lógicas de reprodução de violências entre os nossos? Como não perder a capacidade de identificar não só as dores, mas também as delícias da luta? Como enxergar-se enquanto indivíduo, e não como parte indissociável de uma organização? E qual deve ser nesse contexto o papel de um financiador como a Bem-Te-Vi Diversidade?

Na tarefa de seguir "esperançando" e "buscando o inédito viável", para usar alguns dos termos freireanos citados, não se pode abrir mão dos espaços de respiro, celebração e troca com pares. Encontros como o vivido no Quilombo Ivaporanduva se tornam "momentos de amolar o machado", oportu-

nidades de renovação das forças ao testemunhar tantas pessoas dedicadas a um Brasil mais justo e digno. Tantas lutas e vitórias espalhadas. Tantas pessoas que exercem seu "direito de sonhar". Que cantam, dançam, riem solto em volta da fogueira. E que prometem aprender viola caipira para o próximo encontro.

Mas para isso é preciso criar tempo na agenda. "Trocar as urgências pela importância de momentos como esse", conforme falou uma pessoa participante. Outros ingredientes imprescindíveis: abertura, acolhimento, respeito mútuo, presença verdadeira, marcas dos três dias compartilhados. Não há dúvida de que em muito ajudou a desconexão com a Internet e as redes sociais. "Que bom que nos desconectamos e reconectamos", avaliou uma pessoa. "Menos é mais", resumiu outra.



E é preciso cuidar de si como se cuida da causa, pois sem saúde mental não se faz transformação. Na dinâmica que conduziu, Claudelice (Instituto Zé Claudio e Maria) abriu sua fala contando de como Maria, diante das constantes ameaças à sua vida, "não aguentava mais a pressão": "Ela não ficava mais sozinha, tremia a noite inteira". Completou: "Como está esse meu corpo? Essa cabeça? O que se passa nela para fazer com que esse corpo trema?"

Convidando as pessoas presentes a olhar para si e perceber seu corpo, Claudelice propôs perguntas e afirmações para reflexão: "Eu estou cansada pelo meu trabalho? É físico ou emocional? Quantas horas do dia eu tiro para mim mesma? Quais sentimentos estou engarrafando? Solta. Os traumas estão todos registrados no nosso corpo". Continuou: "A luta é boa e é importante porque você está vivo e aproveitando".

E finalizou:

**"Autocuidado não é egoísmo,
é amor por si. Você é importante".**



PARTICIPANTES



Aldira
Associação
Indígena Pariri
Itaituba - PA



Andorinha
Mata Medonha
Santa Cruz Cabralia-
BA



Ariana
Associação
Barracas do Pontal
Santo André, Santa Cruz
Cabralia - BA



Bel
Saneamento
Inclusivo
Campinas - SP



Bira
Casa Augusto
Omolu
Salvador - BA



Caetano
Saúde e Alegria
Santarém - PA



Camila
Enraize Soluções
Participativas
Cananéia - SP



Cátia
Peregum
São Paulo - SP



Claudelice
IZM
Marabá - PA



Clesio
Bem Comum
São Paulo - SP



Cristina
CEDRA
Juazeiro do Norte - CE



PARTICIPANTES



Daiany
Mais Impacto-
Bem-Te-Vi
Diversidade
São Paulo - SP



Dayse
Diálogos
Insubmissos de
Mulheres Negras
Salvador - BA



Dôra
Commbne
Salvador - BA



Edu
IAS
Ilhéus - BA



Ingrid
Casa Sereia
Santo André, Santa
Cruz Cabrália - BA



Jaqueline
Remar
Caravelas - BA



Jozi
ANMIGA
Pelotas - RS



Juliana
Sumaúma
São Paulo - SP



Eleilson
Coalizão
Orfandade e
Direitos
São Paulo - SP



Fernanda
IZM
Marabá - PA



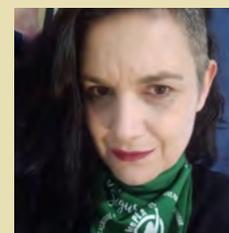
Fernanda
Núcleo Ypykuéra
São Paulo - SP



Fernanda
Redes da Maré
Rio de Janeiro - RJ



Kathleen
Bem-Te-Vi
São Paulo - SP



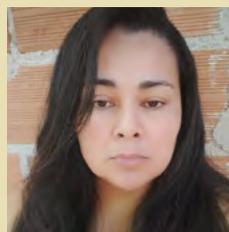
Leina
Rede Feminista
de Saúde
Porto Alegre - RS



Luiza
DNDi
São Paulo - SP



Maiko
Associação
Barracas do
Pontal
Santo André, Santa
Cruz Cabrália-BA



Geane
Amasa
Santo André, Santa
Cruz Cabrália - BA



Hellen
Projeto Sanea
Santo André
Santa Cruz Cabrália
- BA



Iara
Casa Augusto
Omolu
Salvador - BA



Marcela
Associação Fênix
São Paulo - SP



Mariana Tavares
Bem-Te-Vi
Diversidade
(relatoria)
São Paulo - SP



Midiã
Commbne
Salvador - BA



PARTICIPANTES



Moisés
IAS
Paraguaçu Paulista
- SP



Pilar
Mirá
São Paulo - SP



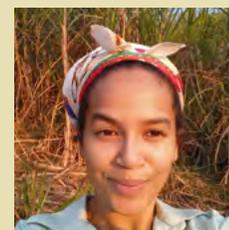
Rafaela
Observatório dos
Trens
Rio de Janeiro - RJ



Raione
Associação
Indígena Pariri
Itaituba - PA



Sergio
CIRAT
Brasília-DF



Solar
Enraíze Soluções
Participativas
Quilombo Porto Velho
- SP



Tainá
Redes da Maré
Rio de Janeiro - RJ



Tainara Cabral
ISA
São Paulo - SP



Renata
Bem-Te-Vi
Diversidade
Rio de Janeiro - RJ



Renata
DNDI
Rio de Janeiro - RJ



Richelle
Mulheres Negras
Decidem
Rio de Janeiro - RJ



Rose
Mulheres Negras
Decidem
São Paulo - SP



Técia
Diálogos
Insubmissos de
Mulheres Negras
Salvador-BA



Tom
ArvoreAgua
São Paulo - SP



Tom
Saneamento
Inclusivo
São Paulo - SP



Tuanny
Compre de uma
Mãe Preta
Franca - SP



Rosy
Compre de uma
Mãe Preta
São Paulo - SP



Sandra
Casa Sereia
Santo André, Santa
Cruz Cabrália-BA



Selma
CONAQ
Conceição da Barra-ES



Vanessa
Bem-Te-Vi
Diversidade
São Paulo - SP



Wiliam
Bem Comum
São Paulo - SP



Zaba
Bem-Te-Vi
Diversidade
São Paulo - SP





Créditos

Edição

Renata Saavedra

Vanessa Lucena

Relatoria do encontro

Mariana Tavares

Facilitação do encontro

Daiany França

Relatoria gráfica do encontro

Camila Melo

Solar

Fotos

Caetano Scannavino

Kathleen Barreto

Projeto gráfico

Joyce Oliveira







bemtevidiversidade.org.br



[linkedin.com/company/bem-te-vi-diversidade](https://www.linkedin.com/company/bem-te-vi-diversidade)